

Lehmann

Andreas Fogarasi Fábrica de Ossos

07.02.2026

04.04.2026

PT

ES

EN

Lehmann

Andreas Fogarasi Fábrica de Ossos

07.02.2026

04.04.2026

[PT]

“Fábrica de Ossos” é a primeira exposição individual do artista Andreas Fogarasi em Portugal.

Na sua prática conceptual, Andreas Fogarasi (n. 1977, Viena) explora a arquitetura, o design e os símbolos urbanos, bem como as codificações — visíveis e invisíveis — da identidade cultural. O seu trabalho analisa o modo como os valores sociais, as relações de poder e as autopercepções nacionais se inscrevem em formas, superfícies e signos.

O artista foi distinguido com o Leão de Ouro na 52.ª Bienal de Veneza (2007) e com o Prémio Otto Mauer (2016).

Do seu percurso internacional, destacam-se exposições em instituições como a Kunsthalle Wien; o Museo Reina Sofía (Madrid); o New Museum (Nova Iorque); o MUMOK (Viena); o MAK Center (Los Angeles); o Museum Haus Konstruktiv (Zurique); o Palais de Tokyo (Paris); ou o Museo Tamayo (Cidade do México).

[PT]

Escovar a história a contrapelo

Quando Andreas Fogarasi comunicou o título da sua exposição na Galeria Lehmann surgiu-me imediatamente na memória o mau cheiro que, há décadas, em dias de nevoeiro, empestava a cidade. Esse fedor tinha origem nas fábricas de ossos que existiam na cidade, uma das quais se situava na Rua Justino Teixeira, em Campanhã, num edifício modernista hoje abandonado.

Foi ali que o artista austríaco de raízes húngaras respigou diversos vidros para fazer uma série de obras, nem pinturas nem esculturas, agora reveladas na exposição “Fábrica de Ossos”. Tal como sucede em muitos dos seus trabalhos, Andreas Fogarasi assume o papel de um recolector de memórias, sobretudo relacionadas com edifícios que foram demolidos, desabitados ou cujas funções para as quais foram construídos foram mudadas.

Numa cidade como o Porto, que, na última década, tem sofrido muitas alterações, sobretudo relacionadas com a gentrificação do centro da cidade, o resgate da memória de um passado recente adquire uma relevância fundamental.

Numa época regida pela perpetuação do presente é essencial “escovar a história a contrapelo”, célebre frase do filósofo Walter Benjamin, na obra “Teses sobre o Conceito de História” (1940), na qual propõe olhar para o passado sob a perspectiva dos vencidos, dos oprimidos e dos excluídos – esta abordagem visa desconstruir a ideia de progresso contínuo e revelar as injustiças e as vozes silenciadas pela visão oficial dos acontecimentos.

No Porto, os lugares vão perdendo não só a sua identidade, mas também a sua dimensão simbólica. No lugar onde foi assassinada, em 2006, a transexual Gisberta, estão a ser erguidas as torres de habitação mais altas da cidade e não consta que ali venha a ser reposto o memorial que ali existia em memória daquela imigrante ilegal.

Outros exemplos podem incluir o cinema do Terço, que ficava na Praça do Marquês, onde vi, em 1995, um concerto de John Zorn, demolido em 2009, sendo substituído por um parque de estacionamento. Ou a destruição, em 1951, do oitocentista Palácio de Cristal – ainda hoje conhecido por este nome – por um Pavilhão de Desportos, hoje transformado numa arena de concertos – no interior do edifício chegou a ter lugar a feira do livro da cidade.

Aquilo que Andreas Fogarasi traduz, materializa, fixa, em arte, é essa memória colectiva que tende a desaparecer com a passagem dos anos. Os vidros retirados da Fábrica de Ossos ostentam as marcas de várias camadas históricas: a da construção do edifício, a do seu abandono e emparedamento com tijolos, a dos tags pintados sobre as janelas – no Google Maps ainda é possível descortinar uma das assinaturas visíveis num dos novos trabalhos do artista.

A polissemia da expressão fábrica de ossos pode levar-nos a associá-la a outros factos, como o enterro realizado, em 2023, pela Universidade Livre de Berlim (FU, na sigla em alemão) de milhares de fragmentos de ossos descobertos no seu campus, em 2014, por operários da construção civil.

Após vários anos de pesquisa pensa-se que as ossadas têm a sua origem em experiências criminosas, ocorridas quer no período colonial, quer durante a II Guerra Mundial – esta descoberta macabra pôs a nu práticas ocorridas no âmbito do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Genética Humana e Eugenia (KWIA), um reduto de cientistas nazis.

A justaposição de tempos surge em muitos trabalhos de Andreas Fogarasi. À entrada da exposição, virada para a rua, vê-se uma obra composta por duas grades de janela, ambas recolhidas no Porto – a mais antiga, em ferro fundido, tem origem no Banco de Materiais, e uma mais recente, provavelmente dos anos de 1970, adquirida na Emaús.

Importa aqui sublinhar que esta colisão de tempos e materiais, atada pelo artista com cintas de aço, inclui várias referências às histórias da arte e da arquitectura: desde a grelha – base para a organização de elementos formais na arquitetura e nas artes visuais – ao ornamento, passando pelo ready made, pela assemblage e ainda por decisões estéticas que fazem emergir dos objectos uma estranheza poética, esse belo e fortuito encontro “entre uma máquina de costura e um guarda-chuva numa mesa de dissecação”, como nos fala Lautréamont.

A actual exposição é atravessada pela história da arquitectura – o artista tem formação nesta área. Tome-se como exemplo a obra “Paris Sights (Architecture)” (2010) uma série de colagens onde se observa, em cada uma, um edifício icónico cortado de um mapa turístico de Paris: “Tour pour l’Exposition Universelle”, Gustave Eiffel, 1887-1889; “Centre Georges Pompidou”, Renzo Piano, Richard Rogers, 1972-1977; “Unesco Headquarters”, Marcel Breuer, Bernard Zehrfuss, Pier Luigi Nervi, 1955-1958; “Ministère des Finances”, Paul Chemetov, Borja Huidobro, 1982-1986; “Bibliothèque Nationale de France”, Dominique Perrault, 1989-1996; e “Grande Arche de la Défense”, Johan-Otto von Spreckelsen, Paul Andreu, 1982-1989.

Todos os edifícios escolhidos por Andreas Fogarasi, reduzidos, pelo design, à escala de pequenos ícones, têm uma dimensão política e, em alguns casos, também cultural, evidente. Eles definem épocas e sobretudo o poder estatal francês – curiosamente, a grande obra da governação de Emmanuel Macron é o restauro da catedral de Notre-Dame, em Paris, com recurso a inúmeros financiamentos privados. Ao separar estes exemplos arquitectónicos do conjunto visível no mapa, o artista está a dar-nos uma imagem das estruturas que definem não só uma época na paisagem urbana, mas também a ideologia por detrás dessas construções.

“Fábrica de Ossos” pode ser assim lida como uma colecção de diferentes representações de lugares, identidade e espectáculo, seja este uma Feira Universal ou uma sociedade inteira, tal como foi definida por Guy Debord.

Muitos são os nomes que podem ser citados na tentativa de nos aproximarmos mais dos trabalhos de Andreas Fogarasi, sobretudo artistas norte-americanos da década de sessenta do século passado, como Dan Graham, Robert Smithson ou Gordon Matta-Clark.

De grande utilidade é ainda o conceito de ruína trabalhado por Walter Benjamin, que nos serve como uma chave dialéctica para compreender a história, a cultura, o capitalismo e a própria tarefa do pensamento crítico.

Enquanto Benjamin via as ruínas como alegorias da história e da catástrofe do progresso, Dan Graham, por exemplo, investigou as “ruínas do presente” — estruturas sociais, arquitetónicas e mediáticas que se tornam obsoletas dentro da lógica do capitalismo e da cultura de massas.

Numa das suas obras seminais, “Homes for America” (1966), o artista norte-americano fotografou subúrbios padronizados dos EUA, revelando como a arquitetura e o “sonho da casa própria” se tornaram produtos seriados, banais e rapidamente desgastados. Graham expôs assim a “obsolescência da arquitetura” no momento da sua construção, mostrando as ruínas potenciais geradas pelo próprio modelo de desenvolvimento urbano e económico.

Por último, podemos citar Hito Steyerl, que tal como Fogarasi, faz uma crítica feroz ao presente. Se Steyerl ataca a circulação de imagens digitais pobres, o artista austríaco denuncia a circulação de ideologias totalitárias – como os novos nacionalismos emergentes na Europa – e seu impacto concreto e ruinoso na paisagem urbana.

Andreas Fogarasi é um elo fundamental nesta linhagem. A sua obra concretiza o conceito benjaminiano de ruína no contexto do século XXI, transformando os escombros do modernismo em alegorias potentes para refletir sobre promessas quebradas, a memória colectiva e o falhanço da ideia de progresso civilizacional.

Óscar Faria

JANEIRO DE 2026

A produção de parte das obras expostas
contou com o apoio do Banco de Materiais
da Câmara do Porto.

01.

ANDREAS FOGARASI

Two Metal Grilles, 2026

Grade de janela em ferro fundido
(do Banco de Materiais, Porto),
grade de janela em alumínio (adquirida
na Emaús, Porto), fita de aço
100 × 43 × 4 cm

02.

ANDREAS FOGARASI

Paris Sights (Architecture), 2010

Colagem sobre cartão museológico
6 partes, 64,5 × 50 cm cada

03.

ANDREAS FOGARASI

Váci utca, 2023

Asfalto (Sörház utca, Budapeste, ca. 1998),
compósito de pedra granítico (Váci utca/
Sörház utca, 2023), fita de aço
42 × 20,5 × 12 cm

04.

ANDREAS FOGARASI

Large Glass, 2025

Vidro, madeira (1909), vidro em moldura de
alumínio (1980), fita de aço
219 × 160 × 13 cm

05.

ANDREAS FOGARASI

*Have Fun in Hiroshima / Explore Art
in Hiroshima, 2023*

Colagem sobre cartão museológico
70 × 84 cm

06.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidro, fita de aço
51,5 × 47 × 2 cm

07.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidro, fita de aço

51,5 × 47 × 2 cm

08.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidro, fita de aço

51,5 × 47 × 2 cm

09.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidro, fita de aço

51,5 × 47 × 2 cm

10.

ANDREAS FOGARASI

1970s Brown, 2025

Vidro (estação de metro Népliget, Budapeste, construída entre 1970 e 1976, desmantelada em 2021), painel de parede de madeira (Universidade Médica, Graz, Áustria, construída entre 1971 e 1976, demolida em 2023), fita de aço

116 × 85 × 10 cm

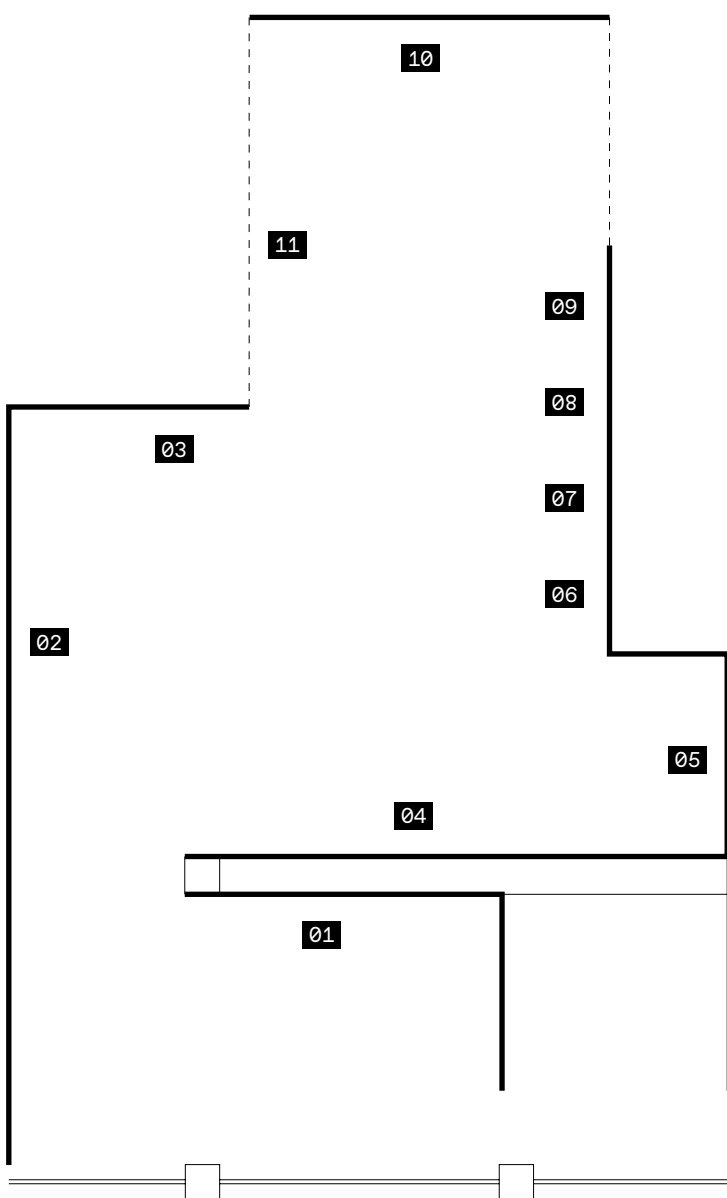
11.

ANDREAS FOGARASI

Porto Sights (Dog Parks and Museums), 2026

Colagem sobre cartão museológico

50 × 70 cm



Lehmann

Andreas Fogarasi Fábrica de Ossos

07.02.2026

04.04.2026

[ES]

«Fábrica de Ossos» es la primera exposición individual del artista Andreas Fogarasi en Portugal.

En su práctica conceptual, Andreas Fogarasi (n. 1977, Viena) aborda la arquitectura, el diseño y los símbolos urbanos, así como las codificaciones —visibles e invisibles— de la identidad cultural. Sus obras exploran el modo en que los valores sociales, las relaciones de poder y las autopercepciones nacionales se inscriben en formas, superficies y signos.

Fue galardonado con el León de Oro de la 52.^a Bienal de Venecia (2007) y con el Premio Otto Mauer (2016).

Entre sus exposiciones internacionales destacan: Kunsthalle Wien; Museo Reina Sofía, Madrid; New Museum, Nueva York; MUMOK, Viena; MAK Center, Los Ángeles; Museum Haus Konstruktiv, Zúrich; Ludwig Forum, Aquisgrán; Museo Tamayo, Ciudad de México; Palais de Tokyo, París; GfZK, Leipzig; CAC Vilnius; Museum of Contemporary Art, Zagreb; Times Museum, Guangzhou y Frankfurter Kunstverein, Frankfurt.

[ES]

Cepillar la historia a contrapelo

Cuando Andreas Fogarasi comunicó el título de su exposición en la Galeria Lehmann, me vino inmediatamente a la memoria el mal olor que, hace décadas, en días de niebla, apestaba la ciudad. Ese hedor tenía su origen en las fábricas de huesos que existían en la ciudad, una de las cuales se situaba en la Rua Justino Teixeira, en Campanhã, en un edificio modernista hoy abandonado.

Fue allí donde el artista austriaco de raíces húngaras recolectó diversos vidrios para realizar una serie de obras, ni pinturas ni esculturas, ahora reveladas en la exposición “Fábrica de Ossos”. Tal como sucede en muchos de sus trabajos, Andreas Fogarasi asume el papel de recolector de memorias, sobre todo relacionadas con edificios que fueron demolidos, deshabitados o cuyas funciones, para las que fueron contruidos, fueron transformadas.

En una ciudad como Oporto, que en la última década ha sufrido muchas alteraciones, sobre todo relacionadas con la gentrificación del centro, el rescate de la memoria de un pasado reciente adquiere una relevancia fundamental.

En una época regida por la perpetuación del presente es esencial “cepillar la historia a contrapelo”, célebre frase del filósofo Walter Benjamin, en la obra “Tesis sobre el concepto de historia” (1940), en la cual propone mirar el pasado desde la perspectiva de los vencidos, los oprimidos y los excluidos: este enfoque busca deconstruir la idea de progreso continuo y revelar las injusticias y las voces silenciadas por la visión oficial de los acontecimientos.

En Oporto, los lugares van perdiendo no solo su identidad, sino también su dimensión simbólica. En el lugar donde fue asesinada, en 2006, la transexual Gisberta, se están levantando las torres de vivienda más altas de la ciudad, y no consta que allí vaya a reponerse el memorial que existía en memoria de aquella inmigrante ilegal.

Otros ejemplos pueden incluir el cine del Terço, que estaba en la Praça do Marquês, donde vi, en 1995, un concierto de John Zorn, demolido en 2009 y sustituido por un aparcamiento. O la destrucción, en 1951, del decimonónico Palácio de Cristal —todavía hoy conocido por ese nombre—, reemplazado por un Pabellón de Deportes, hoy transformado en una arena de conciertos; en el interior del edificio llegó a celebrarse la feria del libro de la ciudad.

Lo que Andreas Fogarasi traduce, materializa, fija en arte, es esa memoria colectiva que tiende a desaparecer con el paso de los años. Los vidrios retirados de la Fábrica de Ossos exhiben las marcas de varias capas históricas: la de la construcción del edificio, la de su abandono y tapiado con ladrillos, la de los tags pintados sobre las ventanas; en Google Maps aún es posible distinguir una de las firmas visibles en uno de los nuevos trabajos del artista.

La polisemia de la expresión fábrica de huesos puede llevarnos a asociarla a otros hechos, como el entierro realizado, en 2023, por la Universidad Libre de Berlín (FU, en sus siglas en alemán) de miles de fragmentos de huesos descubiertos en su campus, en 2014, por obreros de la construcción.

Tras varios años de investigación, se piensa que los restos tienen su origen en experimentos criminales, ocurridos tanto en el periodo colonial como durante la II Guerra Mundial; este hallazgo macabro dejó al descubierto prácticas realizadas en el ámbito del Instituto Kaiser Wilhelm de Antropología, Genética Humana y Eugenesia (KWIA), un reducto de científicos nazis.

La yuxtaposición de tiempos aparece en muchos trabajos de Andreas Fogarasi. A la entrada de la exposición, orientada hacia la calle, se ve una obra compuesta por dos rejas de ventana, ambas recogidas en Oporto: la más antigua, de hierro fundido, procede del Banco de Materiais, y otra más reciente, probablemente de los años setenta, adquirida en Emaús.

Importa subrayar aquí que esta colisión de tiempos y materiales, atada por el artista con correas de acero, incluye varias referencias a las historias del arte y de la arquitectura: desde la rejilla —base para la organización de elementos formales en la arquitectura y las artes visuales— al ornamento, pasando por el ready-made, la ensamblaje y también por decisiones estéticas que hacen emerger de los objetos una extrañeza poética, ese bello y fortuito encuentro “entre una máquina de coser y un paraguas sobre una mesa de disección”, como nos habla Lautréamont.

La exposición actual está atravesada por la historia de la arquitectura —el artista tiene formación en esta área—. Tómese como ejemplo la obra “Paris Sights (Architecture)” (2010), una serie de collages en los que se observa, en cada uno, un edificio icónico recortado de un mapa turístico de París: “Tour pour l’Exposition Universelle”, Gustave Eiffel, 1887-1889; “Centre Georges Pompidou”, Renzo Piano, Richard Rogers, 1972-1977; “Unesco Headquarters”, Marcel Breuer, Bernard Zehruss, Pier Luigi Nervi, 1955-1958; “Ministère des Finances”, Paul Chemetov, Borja Huidobro, 1982-1986; “Bibliothèque Nationale de France”, Dominique Perrault, 1989-1996; y “Grande Arche de la Défense”, Johan-Otto von Spreckelsen, Paul Andreu, 1982-1989.

Todos los edificios elegidos por Andreas Fogarasi, reducidos por el diseño a la escala de pequeños iconos, tienen una dimensión política y, en algunos casos, también cultural, evidente. Definen épocas y, sobre todo, el poder estatal francés —curiosamente, la gran obra del gobierno de Emmanuel Macron es la restauración de la catedral de Notre-Dame, en París, recurriendo a innumerables financiaciones privadas—. Al separar estos ejemplos arquitectónicos del conjunto visible en el mapa, el artista nos está dando una imagen de las estructuras que definen no solo una época en el paisaje urbano, sino también la ideología detrás de esas construcciones.

“Fábrica de Ossos” puede leerse así como una colección de diferentes representaciones de lugares, identidad y espectáculo, ya sea este una Exposición Universal o una sociedad entera, tal como la definió Guy Debord. Son muchos los nombres que pueden citarse en el intento de acercarnos más a los trabajos de Andreas Fogarasi, sobre todo artistas norteamericanos de la década de los sesenta del siglo pasado, como Dan Graham, Robert Smithson o Gordon Matta-Clark.

De gran utilidad es también el concepto de ruina trabajado por Walter Benjamin, que nos sirve como una clave dialéctica para comprender la historia, la cultura, el capitalismo y la propia tarea del pensamiento crítico.

Mientras Benjamin veía las ruinas como alegorías de la historia y de la catástrofe del progreso, Dan Graham, por ejemplo, investigó las “ruinas del presente”: estructuras sociales, arquitectónicas y mediáticas que se vuelven obsoletas dentro de la lógica del capitalismo y de la cultura de masas.

En una de sus obras seminales, “Homes for America” (1966), el artista norteamericano fotografió suburbios estandarizados de Estados Unidos, revelando cómo la arquitectura y el “sueño de la casa propia” se convirtieron en productos seriados, banales y rápidamente desgastados. Graham expuso así la “obsolescencia de la arquitectura” en el momento de su construcción, mostrando las ruinas potenciales generadas por el propio modelo de desarrollo urbano y económico.

Por último, podemos citar a Hito Steyerl, que, al igual que Fogarasi, hace una crítica feroz del presente. Si Steyerl ataca la circulación de imágenes digitales pobres, el artista austríaco denuncia la circulación de ideologías totalitarias —como los nuevos nacionalismos emergentes en Europa— y su impacto concreto y ruinoso en el paisaje urbano.

Andreas Fogarasi es un eslabón fundamental en esta genealogía. Su obra concreta el concepto benjaminiano de ruina en el contexto del siglo XXI, transformando los escombros del modernismo en alegorías potentes para reflexionar sobre promesas rotas, la memoria colectiva y el fracaso de la idea de progreso civilizatorio.

Óscar Faria
ENERO DE 2026

La producción de parte de las obras expuestas
contó con el apoyo del Banco de Materiales del
Ayuntamiento de Oporto.

01.

ANDREAS FOGARASI

Two Metal Grilles, 2026

Rejilla de ventana de hierro fundido (del Banco de Materiais, Oporto), rejilla de ventana de aluminio (adquirida en Emaús, Oporto), fleje de acero
100 × 43 × 4 cm

02.

ANDREAS FOGARASI

Paris Sights (Architecture), 2010

Collage sobre cartón museo
6 partes, 64,5 × 50 cm cada

03.

ANDREAS FOGARASI

Váci utca, 2023

Asfalto (Sörház utca, Budapest, ca. 1998), piedra de granito artificial (Váci utca/Sörház utca, 2023), fleje de acero
42 × 20,5 × 12 cm

04.

ANDREAS FOGARASI

Large Glass, 2025

Vidrio, madera (1909), vidrio con marco de aluminio (1980), fleje de acero
219 × 160 × 13 cm

05.

ANDREAS FOGARASI

Have Fun in Hiroshima / Explore Art in Hiroshima, 2023

Collage sobre cartón museo
70 × 84 cm

06.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidrio, fleje de acero
51,5 × 47 × 2 cm

07.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidrio, fleje de acero

51,5 × 47 × 2 cm

08.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidrio, fleje de acero

51,5 × 47 × 2 cm

09.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Vidrio, fleje de acero

51,5 × 47 × 2 cm

10.

ANDREAS FOGARASI

1970s Brown, 2025

Vidrio (estación de metro Népliget, Budapest, construida entre 1970 y 1976, desmantelada en 2021), panel de madera de pared (Universidad Médica, Graz, Austria, construido entre 1971 y 1976, demolido en 2023), fleje de acero

116 × 85 × 10 cm

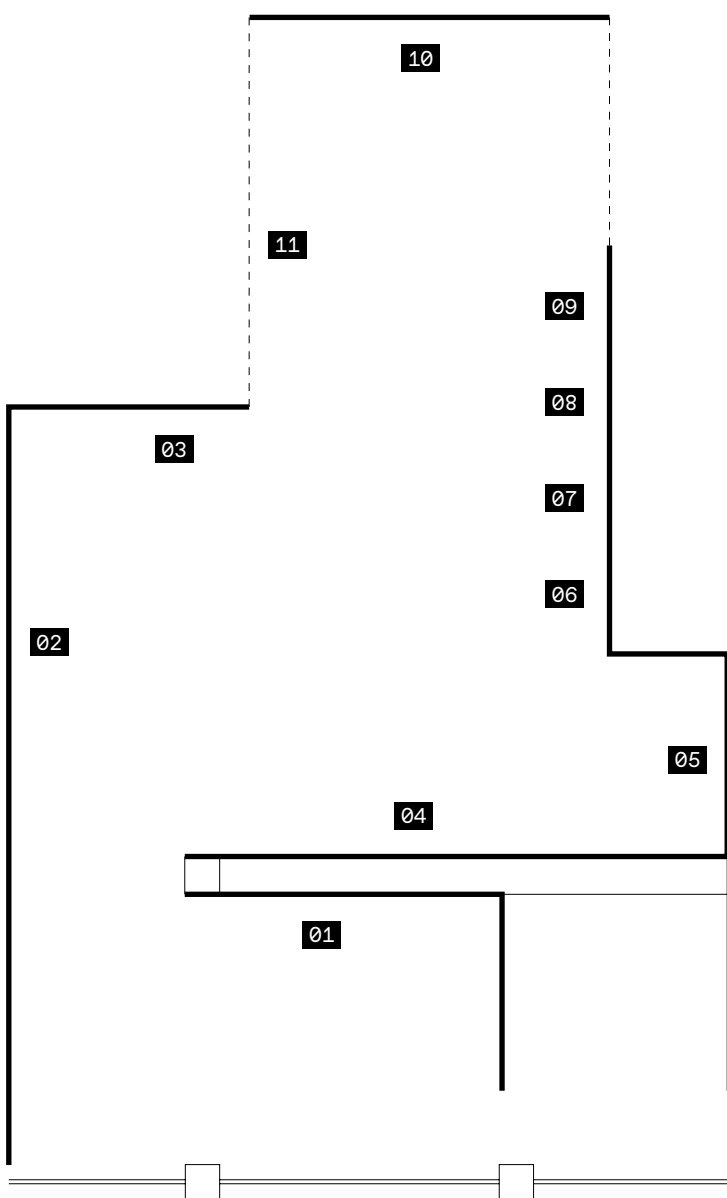
11.

ANDREAS FOGARASI

Porto Sights (Dog Parks and Museums), 2026

Collage sobre cartón museo

50 × 70 cm



Lehmann

Andreas Fogarasi Fábrica de Ossos

07.02.2026

04.04.2026

[EN]

“Fábrica de Ossos” is the first solo exhibition by Andreas Fogarasi in Portugal.

In his conceptual practice, Andreas Fogarasi (b. 1977, Vienna) engages with architecture, design and urban symbols, as well as with the visible and invisible codings of cultural identity. His works explore how social values, power relations and national self-images are inscribed in forms, surfaces and signs.

He was awarded the Golden Lion at the 52nd Venice Biennale (2007) and the Otto Mauer Prize (2016).

His international exhibitions include: Kunsthalle Wien; Museo Reina Sofía, Madrid; New Museum, New York; MUMOK, Vienna; MAK Center, Los Angeles; Museum Haus Konstruktiv, Zurich; Ludwig Forum, Aachen; Museo Tamayo, Mexico City; Palais de Tokyo, Paris; GfZK, Leipzig; CAC Vilnius; Museum of Contemporary Art, Zagreb; Times Museum, Guangzhou; and Frankfurter Kunstverein, Frankfurt.

[ES]

Brushing history against the grain

When Andreas Fogarasi announced the title of his exhibition at the Lehmann Gallery, I immediately remembered the foul smell that used to plague the city on foggy days, some decades ago. This stench originated in the bone factories that existed in the city, one of which was located in Rua Justino Teixeira, in Campanhã, in a modernist building that has since been abandoned.

It was from there that Austrian artist with Hungarian roots gathered together various pieces of glass that he then used to create a series of works that are neither paintings nor sculptures and are now displayed in the exhibition 'Fábrica de Ossos' (Bone Factory). As is the case with many of his works, Andreas Fogarasi takes on the role of a collector of memories, especially those relating to buildings that have either been demolished or abandoned, or whose original functions have since been changed.

In a city like Porto, where many notable changes have been made over the last decade, especially those linked to the gentrification of the city centre, recovering the memory of the recent past is a matter of fundamental importance.

In an era that is governed by the perpetuation of the present, it is essential to 'brush history against the grain', to use the famous phrase coined by the philosopher Walter Benjamin in his essay 'On the Concept of History' (1940), in which he proposes looking at the past from the perspective of the defeated, the oppressed and the excluded. This approach seeks to deconstruct the idea of continuous progress in order to reveal the injustices and the voices that have been silenced by the official version of events.

In Porto, places are not only losing their identity, but also their symbolic dimension. The city's tallest residential tower blocks are being built at the site where the transsexual Gisberta was murdered in 2006, and there are currently no plans to replace the memorial which had previously stood there in memory of that illegal immigrant.

Other examples include the Terço cinema, which used to stand in Praça do Marquês and where I once saw a John Zorn concert in 1995; it was demolished in 2009 and replaced by a car park. And also the nineteenth-century Palácio de Cristal – still known by this name today – which was destroyed in 1951 and replaced by a sports pavilion, now transformed into a concert hall. The city's book fair was also held inside this building.

What Andreas Fogarasi expresses, materialises and fixes in art is this collective memory that tends to disappear with the passing of the years. The glass that he removed from the Bone Factory bears the marks of several historical layers: the construction of the building, its abandonment and subsequent bricking up, the tags painted on the windows – on Google Maps, it is still possible to make out one of the signatures that is also to be seen in one of the artist's new works.

The polysemy of the expression "bone factory" may lead us to associate it with other facts, such as the burial by the Free University of Berlin (FU), in 2023, of thousands of bone fragments that had been discovered on its campus by construction workers in 2014.

After several years of research, it is believed that the bones originated from criminal experiments performed either during the colonial period or during the Second World War – this macabre discovery exposed the practices carried out at the Kaiser Wilhelm Institute for Anthropology, Human Heredity and Eugenics (KWIA), a stronghold of Nazi scientists.

Different historical times are to be found juxtaposed in many of Andreas Fogarasi's works. At the entrance to the exhibition, facing the street, there is a work composed of two window grilles, both collected in Porto – the oldest, made of cast iron, comes from the Banco de Materiais, and a more recent one, probably from the 1970s, was acquired at Emaús.

It should be noted that this collision of times and materials, which the artist has bound together with steel straps, includes several references to the history of art and architecture: ranging from the grid – the basis for the organisation of formal elements in architecture and the visual arts – to ornamentation, ready-made art, assemblage and even aesthetic decisions that bring out the poetic strangeness in objects, that beautiful and chance encounter 'between a sewing machine and an umbrella on a dissecting table', as Lautréamont tells us.

The current exhibition is permeated by the history of architecture – the artist has a background in this field. Take, for example, the work 'Paris Sights (Architecture)' (2010), a series of collages in which each one shows an iconic building cut out from a tourist map of Paris: 'Tour pour l'Exposition Universelle', Gustave Eiffel, 1887-1889; "Centre Georges Pompidou", Renzo Piano, Richard Rogers, 1972-1977; "Unesco Headquarters", Marcel Breuer, Bernard Zehrfuss, Pier Luigi Nervi, 1955-1958; "Ministère des Finances", Paul Chemetov, Borja Huidobro, 1982-1986; "Bibliothèque Nationale de France", Dominique Perrault, 1989-1996; and "Grande Arche de la Défense", Johan-Otto von Spreckelsen, Paul Andreu, 1982-1989.

Reduced through design to the scale of small icons, all the buildings chosen by Andreas Fogarasi have an obvious political and, in some cases, cultural dimension. They define eras and, above all, French state power – curiously, the great work of Emmanuel Macron's governance is the restoration of Notre-Dame Cathedral in Paris, which was made possible through the award of countless private funds. By separating these architectural examples from the visible whole on the map, the artist is giving us an image of the structures that define not only an era in the urban landscape, but also the ideology behind these constructions.

"Bone Factory" can thus be viewed as a collection of different representations of places, identity and spectacle, be it a World's Fair or an entire society, as defined by Guy Debord. Many names can be cited in an attempt to bring us closer to the works of Andreas Fogarasi, especially American artists from the 1960s, such as Dan Graham, Robert Smithson and Gordon Matta-Clark.

The concept of ruin developed by Walter Benjamin is also very useful, serving as a dialectical key to understanding history, culture, capitalism and the very task of critical thinking.

While Benjamin saw ruins as allegories of history and the catastrophe of progress, Dan Graham, for example, investigated the ‘ruins of the present’ — social, architectural and media structures that become obsolete within the logic of capitalism and mass culture.

In one of his seminal works, *Homes for America* (1966), the American artist photographed standardised US suburbs, revealing how architecture and the ‘dream of home ownership’ had been reduced to serialised, banal and quickly worn-out products. Graham thus exposed the ‘obsolescence of architecture’ at the moment of its construction, showing the potential ruins generated by the very model of urban and economic development.

Finally, we can mention Hito Steyerl, who, like Fogarasi, offers us a fierce critique of the present. While Steyerl attacks the circulation of poor digital images, the Austrian artist denounces the circulation of totalitarian ideologies – such as the new nationalisms emerging in Europe – and their concrete and ruinous impact on the urban landscape.

Andreas Fogarasi is a key link in this lineage. His work embodies Benjamin’s concept of ruin in the context of the twenty-first century, transforming the rubble of modernism into powerful allegories for reflecting on broken promises, collective memory and the failure of the idea of civilisational progress.

Óscar Faria

JANUARY 2026

Translated by John Elliott

The production of some of the exhibited artworks was made possible with the support of the Municipality of Porto’s Materials Bank.

01.

ANDREAS FOGARASI

Two Metal Grilles, 2026

Cast iron window grille (from Banco de
Materiais, Porto), aluminum window grille
(acquired from Emaús, Porto), steel
strapping band
100 × 43 × 4 cm

02.

ANDREAS FOGARASI

Paris Sights (Architecture), 2010

Collage on museum board
6 partes, 64,5 × 50 cm cada

03.

ANDREAS FOGARASI

Váci utca, 2023

Asphalt (Sörház utca, Budapest, ca. 1998),
granite plaster stone (Váci utca/Sörház
utca, 2023), steel strapping band
42 × 20,5 × 12 cm

04.

ANDREAS FOGARASI

Large Glass, 2025

Glass, wood (1909) glass in aluminum frame
(1980), steel strapping band
219 × 160 × 13 cm

05.

ANDREAS FOGARASI

*Have Fun in Hiroshima / Explore Art
in Hiroshima, 2023*

Collage on museum board
70 × 84 cm

06.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Glass, steel strapping band
51,5 × 47 × 2 cm

07.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Glass, steel strapping band

51,5 × 47 × 2 cm

08.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Glass, steel strapping band

51,5 × 47 × 2 cm

09.

ANDREAS FOGARASI

Writing (Fábrica de Ossos), 2026

Glass, steel strapping band

51,5 × 47 × 2 cm

10.

ANDREAS FOGARASI

1970s Brown, 2025

Glass (Népliget Metro station, Budapest, built 1970-76, dismantled 2021), wooden wall panel (Medical University, Graz, Austria, built 1971-76, demolished 2023), steel strapping band

116 × 85 × 10 cm

11.

ANDREAS FOGARASI

Porto Sights (Dog Parks and Museums), 2026

Collage on museum board

50 × 70 cm

